

“Creio que você tem algumas perguntas para me fazer. Deve estar um pouco confuso. Assustado, melhor dizendo. Vou tentar responder todas as suas dúvidas. Mas não pense que faço isso por caridade ou pena. Não é esse o caso. Apenas ajo da maneira como entendo que seja a correta. É assim que tem que ser.

“Começemos pelas respostas mais simples. Ou seja, iniciemos do fim. Pedi para Clara lhe convidar para subir para te dar um abrigo durante esse temporal. Nada além disso. Sabia que um dia teríamos que nos encontrar, resolvi, então, que fosse hoje. Assim, pelo menos, você passaria a noite em um lugar seco e razoavelmente tranquilo. Claro que eu sabia que ao nos encontrarmos teríamos essa nossa conversa definitiva, mas isso não alterou o meu impulso.

“E não quero que você me veja como um sujeito benevolente por ter lhe convidado para subir. Acredito que qualquer um faria o mesmo. Já o considero alguém próximo. Estamos juntos a o quê? Quantos meses? Quatro, cinco, seis meses? Nunca fui bom com o tempo. Mas posso te assegurar que acompanho as suas investigações de perto. Desde o início. Lembra do jornalista que ligava para você? Pois. Pensei que você ia reconhecer a voz.

“Sei das suas dúvidas, das suas incertezas, dos seus planos. Considero-o como um amigo. Soube das mudanças que fez no caso, de como você se sentiu quando foi afastado, da sua vinda para cá, para a rua aqui embaixo. Por favor, não encare essas minhas palavras como grosseiras. Não o estava perseguindo. Mas é porque, de certa forma, eu o inventei.

“Bem, mas voltemos ao início. Você deve estar curioso para saber quem é o sujeito encontrado no meu apartamento. Se eu lhe disser que é um zé-ninguém, um morador de rua, você acreditaria? Pois. Fiquei durante um tempo (semanas, meses, anos, não sei ao certo) procurando alguém que parecesse comigo fisicamente. Estatura, peso, cor de pele e cabelo, tipo sanguíneo. Demorou muito tempo. Mais tempo que eu gostaria. Quase desisti de todo o plano por causa desse detalhe. Mas, João... O nome dele era João, bom para ser um João Ninguém, não acha? Pois João me apareceu sem querer. Eu vagava a noite nos piores lugares do Rio de Janeiro: becos, viadutos, favelas, praias, ruas ermas, praças abandonadas, parques escondidos, procurando um sujeito que se assemelhasse comigo. Você provavelmente já reparou que não sou alguém exatamente exótico. Contudo, foi complicadíssimo encontrar um sujeito com as minhas descrições que pudesse ser confundido comigo. Repara que não queria alguém com os meus traços fisionômicos. Afinal, o rosto não seria importante.

“Não pense agora que eu estou sendo um insensível e egoísta. Espere um pouco mais para tirar suas conclusões. Fizemos – eu e João – uma troca para que os dois ganhassem. Se foi justa? Mas o que é justiça? Qual é o conceito que vamos utilizar? É morar nas ruas, sobrevivendo com os restos da sociedade? Ou ter uma vida razoavelmente digna, mas com um fim pré-determinado?”

---